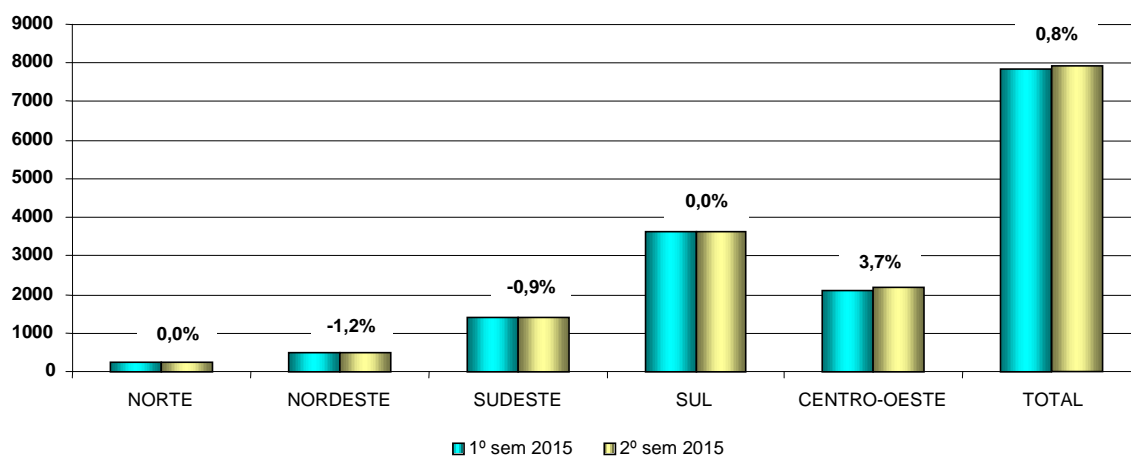


1 - Estoques

1.1 - Número de estabelecimentos e capacidade instalada no período de referência

No segundo semestre de 2015, houve um acréscimo de 0,8% no número de estabelecimentos ativos, que eram 7.858 no primeiro semestre de 2015, passando para 7.918 no segundo semestre de 2015. Neste segundo semestre de 2015, a Região Centro-Oeste foi a que mais aumentou o número de estabelecimentos ativos (3,7%). A Região Nordeste teve a maior queda no número de estabelecimentos ativos (1,2%).

Número de estabelecimentos ativos e respectiva variação, segundo as Grandes Regiões e Brasil - 1º sem 2015 e 2º sem 2015



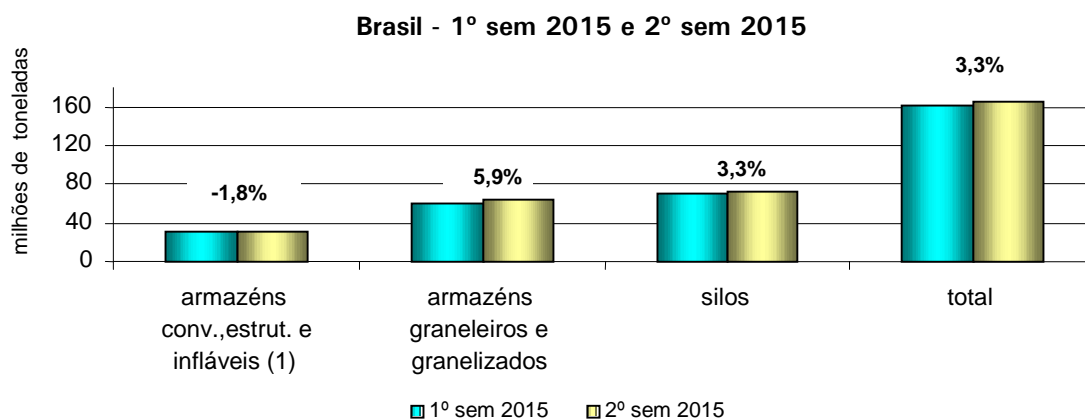
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, Pesquisa de Estoques, 2º semestre de 2015.

O total de capacidade útil disponível no Brasil para armazenamento, registrado no segundo semestre de 2015, em estabelecimentos ativos na Pesquisa, foi de 166,1 milhões toneladas, 3,3% maior que no semestre anterior. Nota-se que, em termos de capacidade útil armazenável, os silos predominam no País, tendo alcançado 72,4 milhões de toneladas no segundo semestre deste ano, representando um crescimento de 3,3%.

Na sequência, os armazéns graneleiros e granelizados atingiram 63,2 milhões de toneladas de capacidade útil armazenável, apresentando crescimento de 5,9%.

Com relação aos armazéns convencionais, estruturais e infláveis, somaram 30,5 milhões de toneladas, o que representou uma queda de 1,8% em relação ao primeiro semestre de 2015. As capacidades instaladas no país, por tipo de armazenagem, e suas respectivas variações podem ser observadas no gráfico abaixo.

Capacidade útil total de armazenagem e respectiva variação, por tipo



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, Pesquisa de Estoques, 2º semestre de 2015.

Nota: (1) A capacidade útil dos armazéns convencionais, estruturais e infláveis foi convertida na proporção de 0,6 t/m³.

1.2 - Estoques dos produtos agrícolas na data de referência

Quanto aos estoques dos produtos agrícolas existentes nas unidades armazenadoras em 31/12/2015, o **milho (em grão)** é o que aparece com maior volume (10,1 milhões de toneladas), apesar da queda de 9,5% no volume estocado em comparação à 31/12/2014. Esta redução no volume estocado está diretamente relacionada ao aumento das exportações que, em 2015, atingiram 29,1 milhões de toneladas segundo a SECEX (Secretaria de Comércio Exterior), o maior volume já exportado, com um crescimento de 40,0%. O Brasil é o segundo maior exportador de milho, atrás apenas dos Estados Unidos, que exportou 46,9 milhões de toneladas.

O **trigo (em grão)** foi o produto que obteve a maior queda percentual (-25,1%) no volume estocado, alcançando apenas 4,4 milhões de toneladas. As lavouras foram atingidas pelo excesso de chuvas na Região Sul, que concentra cerca de 90,0% da produção nacional. Os produtores tiveram dificuldades para realizar os tratamentos culturais com a elevada umidade no solo e nas plantas, o que aumentou a incidência de doenças, diminuindo a quantidade colhida e a qualidade do grão, o que elevou o aumento das importações.

Estima-se que aproximadamente metade do trigo consumido no País é importada. Neste caso, o dólar alto, apesar de beneficiar a balança comercial, contribui para aumentar os custos de produção, já que boa parte dos fertilizantes e defensivos também é importada. Como o trigo é basicamente comercializado no mercado interno, o agricultor tem poucas oportunidades de negócios, o que explica em parte a baixa oferta do cereal, que mesmo com a quebra da safra não apresentou elevação nos preços.

A **soja (em grão)** foi o único produto que aumentou o volume estocado (2,6%), tendo como resultado um estoque de 3,2 milhões de toneladas. Porém, esta quantidade representa muito pouco frente à produção nacional de soja, que atingiu o recorde de 97,0 milhões de toneladas, com um crescimento de 11,9%. Este comportamento é considerado normal para a data de 31/12, com a

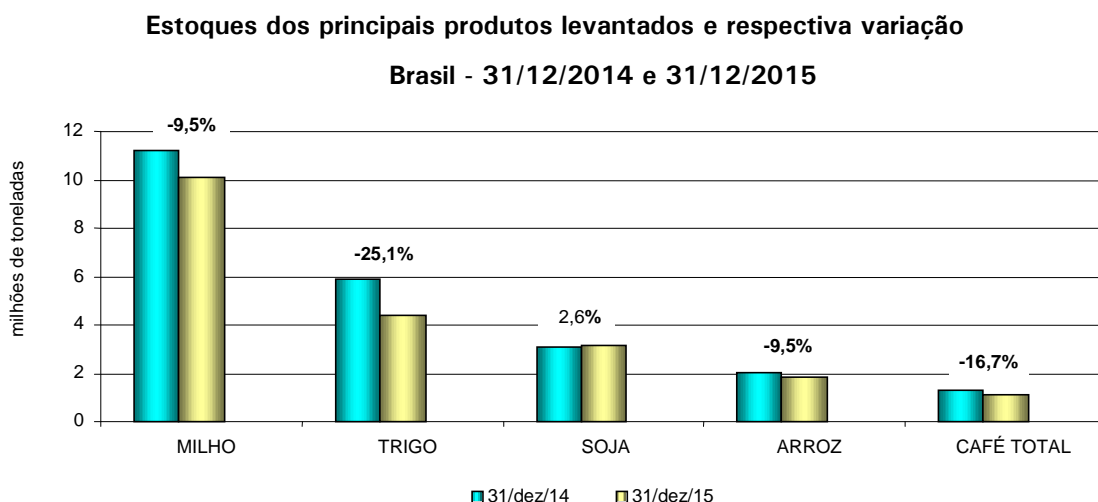
proximidade da nova colheita que se inicia em janeiro em alguns estados. Bons preços e dólar alto favorecem a exportação, o que atraiu os agricultores, que expandiram a área plantada em 6,1% (quase 2,0 milhões de hectares). Além disso, o clima propiciou o desenvolvimento da lavoura que aumentou em 5,4% sua produtividade.

O volume estocado de **arroz (em casca)**, na data da pesquisa, foi de 1,9 milhão de toneladas, uma redução de 9,5%. Embora o preço do produto tenha se mantido, os custos de produção aumentaram. A produção nacional foi de 12,3 milhões de toneladas, praticamente a mesma do ano anterior. Os estoques baixos também são normais na data de referência da pesquisa (31/12) pelo mesmo motivo da soja. O arroz também inicia sua colheita no 1º trimestre do ano.

O **café total (em grão)** apresentou mais uma redução nos estoques, agora de 16,7%. O estoque em 31/12/2015 era de 1,1 milhão de toneladas. Os estoques baixos de café no Brasil estão sustentando a alta dos preços do arábica no mercado internacional. A seca que afetou a produção brasileira de café nos últimos anos reduziu os estoques brasileiros do grão. A produção nacional em 2015 foi de 2,6 milhões de toneladas, uma redução de 5,7%, afetada principalmente pela queda no café canephora, que diminuiu sua produção em 17,3%, refletindo o impacto da estiagem no Espírito Santo, principal produtor nacional. Esta queda, juntamente com a seca que afetou a produção no Vietnã, sustentou o bom preço do café arábica, pois, diante da escassez de canephora, aumentou a demanda pelo arábica nos blends, o que se refletiu nos estoques.

As informações sobre as culturas relatadas acima foram obtidas na Pesquisa LSPA – Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, do IBGE.

No gráfico abaixo se encontram os estoques dos 5 principais produtos levantados pela Pesquisa e suas respectivas variações.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, Pesquisa de Estoques, 2º semestre de 2015.

Atualizado em 09/06/2016 às 09:00h